

## **O Édipo feminino com Wonder Woman e Lara Croft**

Freud considera que a fase fálica é comum a meninos e meninas. Ambos atribuem um falo tanto aos seres masculinos como femininos e até aos seres inanimados. As crianças sabem perfeitamente que há homens e há mulheres, mas isso não os impede de imaginar que os seres em geral são dotados de falo, logo que não há diferença sexual (embora haja diferença de género). Isto manifesta que a crença infantil na universalidade do falo é autónoma em relação ao saber empírico da criança, o que confere ao falo imaginário (e, com a castração, ao falo simbólico) um estatuto formal e uma função estrutural que não se confunde com os conteúdos e as significações que cada cultura, num determinado momento histórico, atribui aos géneros masculino e feminino.

A fase fálica caracteriza-se por este imaginário fálico associado a mais dois elementos correlativos: o investimento libidinal do objecto materno e a actividade masturbatória que é a sua expressão genital. Durante a fase fálica, o clítoris funciona para as meninas como o pénis para os meninos.

A percepção de que o falo falta a certos seres, as mulheres, vem, como sabemos, reactivar a ameaça de castração. E aqui os percursos dos meninos e das meninas começam a diferenciar-se. Para começar, enquanto que, em geral, os meninos denegam a ausência do falo nas mulheres através de teorias e ficções (ainda vai crescer), as meninas tomam-na como uma evidência sensível no próprio corpo. Mas a aceitação imediata ou rápida desta realidade faz-se acompanhar do que Freud chama 'Penisneid', a inveja do pénis, resultante da constatação da 'inferioridade' do seu órgão sexual.

Assim, para o menino, a castração consiste no desinvestimento libidinal do objecto materno e na renúncia

à masturbação em nome do pai, e, para a menina, a castração é exactamente a mesma coisa, mas com uma diferença: o Penisneid determina que o desinvestimento libidinal do objecto materno vira a menina para o pai que é aquele que tem o falo e que lho pode dar. Enquanto que o menino entra no período de latência qual Tintin (liberto de objectos parentais/familiares, libido sublimada em energia ao serviço de ideal) – Tintin é a figura por excelência do pré-púbere -, a menina entra no mesmo período apegada ao pai. A menina entra no período de latência sem sair da família, pois a sua libido investe agora o pai de quem espera ter um bebé, o que coloca a mãe na posição de rival. Freud nota que este investimento libidinal do pai já não é exactamente o da fase fálica, pois ele assenta numa substituição do falo pelo bebé. Na fase fálica, brincar com bonecas significa para a menina fazer com elas o mesmo que a mãe lhe faz, enquanto que a mesma brincadeira pós-castração exprime o desejo de cuidar de um bebé obtido do pai.

É a diferença entre Wonder Woman, **a menina da mamã** (mesmo depois de renunciar à condição imortal e optar por viver nos USA, WW mantém um vínculo 'fálico' com a mãe, através, por exemplo, da guirlanda mágica), e Lara Croft, **a menina do papá** (Lara não aceita perder o pai e o objectivo da aventura, que é a união das duas metades do triângulo, visa controlar o tempo para trazer o pai de volta à vida). Não é de todo a mesma coisa renunciar ao objecto materno em nome do pai ou para obter um objecto, o bebé, do pai. Não é a mesma coisa deixar Paradise Island (mundo insular, uterino, em que nada falta, em que não há desejo) para lutar por valores e ideais como a democracia, a justiça, a liberdade e a paz, e cumprir a aventura de Tomb Raider para reencontrar o pai. Notar também que, enquanto que WW ama um homem (que literalmente caiu do céu aos trambolhões) e que esse amor cinde a sua identidade entre WW, a princesa Diana, e Diana Prince, a sua identidade americana, Lara Croft não

ama homem nenhum a não ser o pai e mantém a unidade da sua personalidade. A diferença entre WW e Lara Croft exprime optimamente a diferença entre o pai simbólico (em nome do pai) e o pai-objecto<sup>1</sup>. WW assume a castração simbólica sob o nome de Diana Prince, nome que descentra a sua identidade até aí 100% feminina, deslocando a sua qualidade substancial de princesa para a forma simbólica do nome Prince. Nada de parecido acontece com Lara. WW é um sujeito não-identitário, i.e., castrado. Lara Croft é um sujeito pré-castrado (na fase fálica).

Deste modo, o Édipo feminino é mais complexo do que o masculino: tem mais operações, demora mais e sobretudo não é tão claro, não é tão *tintinesco*: há uma zona de intersecção entre Édipo e período de latência. Tanto meninos como meninas abandonam a mãe para encontrar o pai, mas enquanto que os meninos (e meninas como WW) o encontram sob forma simbólica, as meninas encontram-no sob a forma de objecto (a libido desloca-se da mãe para o pai).

Tal como Freud teorizou o processo edipiano, percebemos que as identidades masculina e feminina se constituem em referência ao falo: primeiro, o falo universal imaginário (fase fálica), depois o falo que simboliza a diferença sexual, em função da qual a criança ocupa ou ocupará uma posição na ordem sexual. Nem o falo imaginário nem o falo simbólico se confundem com o órgão genital masculino: um é um objecto imaginário que exprime a convicção infantil de que não há falta no ser; o outro é uma referência estrutural, significante que há falta no ser (des-falicização do mundo, que essa falta é sexual e se


---

<sup>1</sup> A castração de Lara ocorre aquando do cruzamento do seu presente com o passado do pai, que já morreu. Este exerce então a sua função simbólica, dizendo à filha que tem de aceitar a sua (dele, pai) morte, pois esta é irreversível; a distância ínfima entre a mão da filha e a mão do pai tem como modelo a de Adão e Deus pintada por Miguel Ângelo na Capela Sistina; e curiosamente o efeito imediato da castração é o retorno à superfície e à vida do potencial namorado de Lara, que, durante o reencontro desta com o pai, se estava a afogar no fundo do lago.


manifesta como diferença sexual. É sobre esta matriz estrutural que as sociedades definem de maneira mais ou menos flexível os conteúdos e funções sociais que constituem o masculino e o feminino como géneros.

É importante perceber que o falo não é o símbolo da libido masculina mas o operador da diferença sexual. Ele não tem nenhum conteúdo positivo e empírico, é uma negatividade que opera e marca a diferença sexual, impedindo a identidade sexual do sujeito de se centrar e de se fixar. É o caso de WW, cuja qualidade substancial de princesa Diana, é deslocada pela sua outra identidade de Diana Prince – em que o nome ‘Prince’ viriliza a qualidade original de princesa, transformando essa qualidade ‘materna’ em puro significante, puro nome.

O postulado freudiano de que só há uma libido: *il n’y a qu’une seule libido qui est mise au service de la fonction sexuelle masculine aussi bien que féminine* significa que o primado do falo contrasta com o dualismo da *sex ratio* em que se baseiam as tradições do saber pré-científico. Nessas tradições, o ser (o cosmos, o homem, a natureza, a cultura) é imaginado como dividido em masculino e feminino que são complementares e estão destinados à união e à unidade (casal divino do tipo Uranos-Gaia, yin-

yang,  *conjunctio oppositorum* da alquimia, os seres esféricos do *Banquete* de Platão).

À conjunção das metades macho e fêmea de tudo o que existe no universo, o símbolo fálico opõe a disjunção, o não idêntico, a diferença: o feminino **não** é (à) imagem do

masculino . Não há uma libido masculina e uma libido feminina, cada uma com um símbolo próprio que conferiria ao masculino e ao feminino conteúdos, significados e funções (substâncias) *a priori*, identificando sexo e género e produzindo uma norma. Pelo contrário, o símbolo fálico institui masculino e feminino apenas como modos diferentes de lidar com a castração.

Que os dois sexos assumam a realidade da diferença sexual (des-falicização do ser) em referência a um só operador e símbolo, o fálico, implica que Freud não é um dualista. De facto, no dualismo há dois princípios cósmicos que se unem e unificam numa totalidade, n'Um. Em Freud, pelo contrário, é a partir de um (uma só libido) que deriva a diferença, a des-totalização, o resto.

Ler parte III, capítulo 5 de *O sujeito incómodo*, de Slavoj Žižek (Relógio de água, 2009)